

## Espaço aberto

30 OUT 1988

FERNANDO PEDREIRA



— Quem você levaria para uma ilha deserta?

— Minha mulher e, se possível, também a nossa empregada Margarida que está conosco há quase dez anos.

— Que falta de imaginação!

— Numa ilha deserta, mais vale um Sexta-Feira, como o do Robinson Crusoe, do que um Domingo. Numa ilha deserta não se pode sair para ir comer num restaurante.

— Em outros tempos, Rubem Braga costumava dizer que não andava de navio porque, num navio, não se pode sair à noite...

— Hoje, o Rubem mora num espaçoso navio, ancorado ao norte da praça General Osório, em Ipanema, e quase não sai. A noite é que às vezes vem visitá-lo.

— E livros, que livros você levaria para uma ilha deserta?

— Levaria a versão integral da Bíblia, um livro que nunca cheguei a ler e que todo mundo diz que é ótimo, além de extenso. Levaria também um bom par de óculos. Mas em matéria de suprimentos e manutenção, em geral, o melhor seria consultar o Amir Klink e pedir a ele que fizesse uma lista completa.

— Tudo isso custa dinheiro.

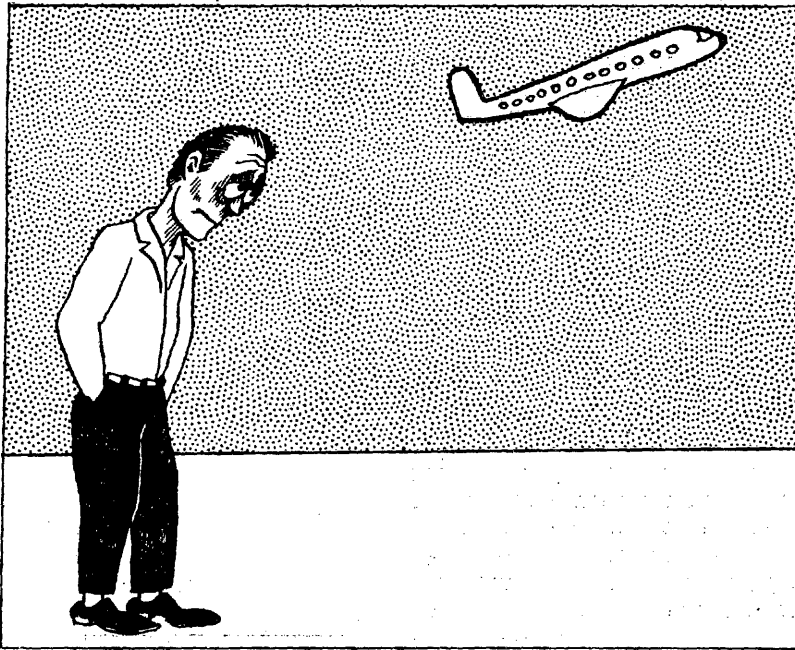
— Hoje, ninguém embarca numa aventura como essa sem um bom patrocinador (a Petrobrás, talvez, ou o Banco Econômico), que garanta os fundos necessários, além de uma boa cobertura de TV e de imprensa...

Navegar é preciso. Parece cada vez maior o número de brasileiras e brasileiros que sonham hoje fugir do País, nem que seja em busca de uma ilha distante e despovoada. Muitos poucos, entretanto, têm a sorte do presidente José Sarney, que viaja sob o alto patrocínio do Tesouro Público, com apoio tático e estratégico do Itamaraty e das Forças de Terra, Mar e Ar.

O presidente viaja não só com a mulher e uma corte de servidores, mas com os amigos e as famílias dos amigos, em geral previamente nomeados para altas, honrosas e rendosas funções na vasta burocracia da República.

Na sua primeira (ou terá sido a segunda?) investida deste ano, em Nova York, onde foi fazer um

# Orelhas murchas



discurso na ONU, sua comitiva alugou (segundo informação dos locadores) 50 limusines, entre as quais a hoje célebre limusine branca que serviu ao próprio chefe de Estado. Dessas 50 limusines, 15 (ainda de acordo com a informação da agência) faziam diariamente o percurso Nova York - Atlantic City, ida e volta, levando e trazendo membros da comitiva que iam visitar os casinos da cidade balneária.

Mais recentemente, no périplo europeu que o levou a Paris, Moscou e Lisboa, o presidente arrastou consigo uma luzidia delegação de 165 membros — o que não chegou a espantar parisienses e lisboetas, já conhecedores dos hábitos sul-americanos, mas provocou o divertido espanto de Gorbachev e seus camaradas perestróicos.

Na URSS, o limite estabelecido para delegações governamentais visitantes é de 12 membros. Os excedentes brasileiros foram recebidos como turistas, pagando (nós pagamos) as próprias contas. Esse limite, entretanto, entre países que se respeitam, não tem motivos apenas financeiros, mas sobretudo de decência e até de segurança. Imaginem Gorbachev desembarcando em Londres ou Washington com um exército de 165 "turistas" vermelhos. Ou Reagan chegando a Moscou com duas centenas de agentes da CIA.

O histórico périplo europeu terminou com a inauguração de mais um magnífico palácio (o Itamaraty já possui dezenas e dezenas deles pelo mundo afora), desta vez em Lisboa. Mas não sa-

ciou a sede turística do presidente. Mal desembarcado de volta, em Brasília, entre greves e crises gravíssimas, ele se fez ao largo outra vez, agora com destino a Punta del Este, acompanhado de uma modesta comitiva de 84 pessoas, pouco mais da metade, portanto, da que levou às Oropas. Segundo fontes do palácio, porém, a grande maioria desses "comitivos" do Uruguai era de segundo time. Levando-os a passear, Sarney quis premiar lealdades entre os escalões inferiores do entourage presidencial, que em geral permanecem esquecidos.

O presidente, portanto, não é apenas um gourmand do poder, empenhado em fruir-lhe as regalias de todos os modos possíveis. É também um homem de coração largo e generoso, para o qual as alegrias verdadeiras são aquelas que se compartilham com os amigos e suas famílias, e com os servidores, até o segundo escalão.

Estivéssemos nós no melhor dos mundos possíveis, estivesse o Brasil, ao menos, na folgada situação dos japoneses e dos alemães, e os brasileiros só teriam hoje de orgulhar-se de um presidente para quem o governo é o que era a cidade de Paris para o seu colega Ernest Hemingway: a moveable feast, uma peripatética festança.

Nas tristes condições do Brasil neo-republicano, entretanto, a verdade é que as viagens presidenciais (já há diversas outras programadas para o ano que vem) surgem como um escândalo e um acinte. Um desacato. Se a reação

dos brasileiros a esse desacato não é mais viva e vigorosa, isto só comprova, mais uma vez, a doçura de caráter nacional, amolecido pelo trópico. Mas essas greves e movimentos reivindicatórios de agora hão de estar sendo impulsionados, ao menos em boa parte, pela indignação do povo, diante da inconsciência dos seus maiores.

A melhor lição (ou a pior) é o exemplo. Se o presidente da República mete a mão nos recursos do Tesouro para fazer viagens suntuárias e servir seus amigos; se senadores, deputados estaduais e federais aumentam os próprios vencimentos e criam cabides de empregos bilionários para seus familiares e protegidos; se a administração pública, em tantos lugares, é uma sucessão de escândalos impunes, negociatas e roubalheiras, como pedir que trabalhadores e profissionais de classe média aceitem novos deflatores em seus apertados salários, novas "mordidas" em suas magras rendas?

O exemplo que vem de cima, a lição dos chamados círculos governantes, aponta na direção oposta. Quem tem o poder nas mãos usa-o para servir os próprios apetites, gastando e nomeando a rodo, criminosamente. Como exigir que os sindicatos operários, os funcionários do Banco do Brasil ou os engenheiros da Petrobrás deixem de usar o poder que têm para entrar na dança e defender a sua própria fatia do bolo?

No fim do quarto ano do presidente Sarney (pode-se imaginar o que vai ser o quinto), o Brasil tornou-se uma casa do pai Tomás, onde quem grita é que manda mais. A República abagunçou-se. O governo, os políticos e os partidos desmoralizaram-se. Diante desse quadro, parece-me profundamente tolo, e até antidemocrático, pretender que os cidadãos, os eleitores, devam "comportar-se", agir como bem-comportados patriotas, e aceitar estoicamente os sacrifícios (e os candidatos) que lhes estão sendo oferecidos.

Não se salva a democracia murchando as orelhas. Para concertar a Nova República, não há outro meio senão começar de cima. Quem precisa, hoje, ser compelido e portar-se decentemente, patrioticamente, não é o povo; são os políticos, os governantes, as autoridades públicas. E quanto antes, melhor.

Fernando Pedreira é jornalista e foi redator-chefe do Estado e do Jornal do Brasil.